

Princípios para traçado dos itinerários de entradas e bandeiras

Lucas da Costa Machado Rios

Escola Politécnica da Universidade de São Paulo
lucas.machado.rios@usp.br

Jorge Pimentel Cintra

Escola Politécnica da Universidade de São Paulo
jpcintra@usp.br

Resumo:

A ocupação e posse da Capitania de São Paulo, através da abertura de caminhos no período colonial, foram determinadas pelas entradas paulistas para o interior do continente, envolvendo interação entre portugueses e índios, aproveitando em muitos casos as trilhas já abertas por estes desde tempos remotos. Essas trilhas determinaram as diretrizes dos caminhos pelos quais passaram depois as tropas de mulas e os carros de bois, e ao longo dos quais foram surgindo povoações, que se tornaram vilas e mais tarde cidades.

O descobrimento da prata em Potosí e a possibilidade desse e de outros metais e pedras incitou a imaginação e fomentou o deslocamento para o sertão, principalmente após o incentivo de D. Francisco de Sousa (ca. 1540-1611), sétimo governador do Brasil e Marques das Minas. Mediante sua organização direta aconteceram as bandeiras de André de Leão e de Nicolau Barreto. A essas seguiram-se muitas outras, particulares, que somaram ao ouro, a busca e o aprisionamento de índios, como escravos para o cultivo da terra.

O aumento do número de deslocamentos foi fixando rotas, e os caminhos se tornaram vias de comunicação com traçado mais definido. A formação escarpada do relevo dessa região que estudamos (atuais estados de São Paulo e Paraná) também contribuiu para essa definição pois a comunicação se dava através de vales fluviais conhecidos como boqueirões em direção ao Oeste, facilitando a transposição de serras como a da Boa Esperança.

Autores como Alfredo Ellis, Orville Derby e Affonso de Taunay tentaram estabelecer o traçado desses caminhos, encontrando-se dificuldades devido a vários fatores como a vaguidão das informações e amplitude geográfica de certos topônimos. O mapa, elaborado por Taunay em 1922 e denominado *Ensaio de Carta Geral das Bandeiras Paulistas*, é um exemplo que traduz essas dificuldades. O presente trabalho é uma tentativa de melhorar, em parte e numa pequena extensão, esse ensaio.

A presente pesquisa teve assim como objetivo estabelecer princípios para o traçado dos itinerários das Bandeiras, com sua aplicação prática para a região compreendida entre os atuais Estados de São Paulo e Paraná entre o século XVI e meados do século XVIII, através dos recursos da cartografia digital aliado à identificação dos pontos obrigados, pontos necessários de passagem, método que é utilizado pela engenharia de estradas na etapa de reconhecimento

de uma região e definição das diretrizes para o traçado de novas estradas. Aos critérios atuais somam-se outros apontados na presente pesquisa.

Para tanto, foram tidas em conta informações de caráter geográfico sobre a região estudada, como são a localização das vilas castelhanas existentes desde os primórdios, as regiões ocupadas pelos índios, os rios e as missões jesuíticas, ponto de destino ou passagem das bandeiras. Esses dados constituíram um banco de dados integrado através do Sistema de Informações Geográficas (SIG) o qual permitiu análise de possíveis alternativas de caminhos, confrontando os dados históricos com as informações contidas em mapas históricos diversos dessa região, comparados entre si e com mapas atuais.

O método partiu do estudo e fichamento de topônimos dos relatos e fontes primárias como os Inventários e Testamentos dos bandeirantes, o Registro Geral e as Atas da Câmara da Vila de São Paulo e os relatos dos padres jesuítas, estabelecendo assim referências toponímicas buscadas também em mapas sertanistas. Isso resultou em um conjunto de referências geográficas que foram posteriormente identificadas nos mapas atuais.

Em paralelo, fez-se a análise da topologia dos caminhos nos mapas através do Modelo Digital de Terreno (MDT), segmentando-os por bacias hidrográficas. O estudo da morfologia dessas bacias permitiu a localização de elementos como: linhas de cumeada, contrafortes, espigões, talwegues, vales, gargantas ou colos, rios, afluentes, etc.

Muitos desses elementos constituíram os pontos obrigados de passagem como gargantas e espigões e direção geral de rios que norteavam os deslocamentos. Em nível de detalhe também se dá o fugir de margens e locais alagadiços, principalmente na época de chuvas. Esses critérios funcionam analogamente aos empregados em nossos dias para o traçado de estradas. Após a identificação desses pontos na cartografia, essas informações foram integradas ao SIG e analisadas juntamente com os resultados relacionados à conformação da topografia da região e as referências toponímicas encontradas nos relatos históricos e nos mapas antigos.

Nesse contexto, uma análise dos obstáculos físicos que motivaram determinados traçados de caminhos antigos contribuiu na compreensão das razões para a materialização dos mesmos, norteados também pelo traçado que produz menores distâncias entre pontos obrigados. Nota-se que esses caminhos, com pequenas variantes, persistem até os nossos dias.

Palavras-chave:

Bandeirantes, caminhos, topologia, cartografia digital.